



Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,61% São Paulo	147.428 140.454 29/10 30/10 1/10 3/10	R\$ 5,357 (-0,43%)	28/outubro 5,359 29/outubro 5,359 30/outubro 5,381 31/outubro 5,380	R\$ 1.518	14,90%	14,91%	Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26 junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26 Agosto/2025 -0,11

DESENVOLVIMENTO

Brasil avança em competitividade

Apesar da melhora no Ranking Mundial, país enfrenta mesmos problemas na formação de mão de obra e na falta de regulação

» ROSANA HESSEL

O Brasil voltou a ganhar posições na edição de 2025 do Ranking de Competitividade Digital do International Institute for Management Development (IMD), conforme dados do estudo divulgado, ontem, pelo instituto suíço em parceria local com a Fundação Dom Cabral (FDC). Na listagem geral, o Brasil ganhou quatro posições, passando da 57ª, em 2024, para a 53ª colocação entre 69 países pesquisados, neste ano.

Apesar de avançar nos três principais fatores pesquisados: conhecimento, tecnologia e prontidão para o futuro, o país ainda segue na lanterna quando ao assunto é talento da mão de obra, subitem no qual o Brasil ficou na 68ª colocação, de acordo com Hugo Tadeu, diretor do Núcleo de Inovação e Tecnologias Digitais da FDC e responsável pelas pesquisas do estudo no país.

“A foto é positiva, mas o Brasil ainda está no último quartil, ao lado dos países africanos, e não temos nenhum comportamento semelhante dos países que estão na liderança, que priorizam, por exemplo, a melhora da classificação no Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)”, afirmou o professor, ontem, em entrevista a jornalistas. “A receita de bolo está pronta, mas o Brasil não a segue”, lamentou.

Para Tadeu, o país precisa, por exemplo, melhorar a qualificação de engenheiros, por exemplo, porque eles saem da faculdade sem saber desenvolver linhas de código de programação. “Existe uma série de descasamentos que depende de um debate mais qualificado entre governo, empresas e agências de fomento para uma melhor estratégia para o país”, disse.

“O relatório traz uma perspectiva concreta: se os formuladores das políticas públicas não lerem esse documento com os pontos de atenção que colocamos, não será possível transformar em resultado positivo para o país”, disse Hugo Tadeu. Ele reforçou a defesa de que o país tenha um plano real para melhorar as competências da mão de

Divulgação/Fernando Braz



Hugo Tadeu, da Fundação Dom Cabral, aponta que o país precisa de um plano real para melhorar as competências da mão de obra

obra no país com políticas de fomento às universidades, em parceria com a iniciativa privada.

Tecnologia

Apesar de haver recursos do governo para investimentos em tecnologia, o Brasil ainda precisa fazer uma análise melhor das vantagens competitivas, como o agronegócio, para conseguir crescer no aspecto da IA, por exemplo, na avaliação do acadêmico. Ao comentar sobre o plano de investimentos do governo de R\$ 23 bilhões até 2028 no desenvolvimento da IA, ele reconheceu que o valor é pequeno se comparado com o investido, por exemplo, pela norte-americana Nvidia, líder no setor, de US\$ 500 bilhões.

A avaliação de Hugo Tadeu do desempenho brasileiro apresentou ressalvas também na questão de adoção de novas tecnologias, porque o país ainda precisa enfrentar desafios estruturais que ainda limitam o avanço competitivo. “A ampliação do acesso ao capital de risco, o incentivo à transferência de conhecimento e o fortalecimento

na atração e retenção de talentos são medidas fundamentais para transformar o potencial em resultados concretos”, de acordo com o estudo. O acadêmico ainda destaca que o país precisa de ações coordenadas entre poder público, iniciativa privada e instituições de ensino. Segundo ele, sói dessa maneira o Brasil poderá consolidar um ambiente mais inovador e produtivo.

Ranking

No ranking global, o Brasil ficou à frente de vários vizinhos latino-americanos, como Colômbia (55º lugar), México (59º), Argentina (60º), Peru (64º) e Venezuela, na última colocação. O Chile foi o melhor classificado da região, na 43ª colocação.

A liderança do ranking ficou com a Suíça, que avançou uma posição, tirando o lugar de Cingapura, que caiu para a terceira colocação. Os Estados Unidos, por sua vez, avançaram da 4ª para a 2ª posição no ranking que, neste ano, passou a incluir três novas economias: Quênia, Omã e Namíbia.

Muito a melhorar

O Brasil melhora no ranking global de competitividade digital do IMD, passando para a 53ª colocação entre 69 países, mas ainda está na 68ª posição no subindicador de talento da mão de obra



RANKING MUNDIAL DE COMPETITIVIDADE DIGITAL DE 2025

1º Suíça	10º Taiwan
2º Estados Unidos	53º Brasil
3º Cingapura	60º Argentina
4º Hong Kong	62º Quênia
5º Dinamarca	63º Turquia
6º Países Baixos	64º Peru
7º Canadá	68º Nigéria
8º Suécia	69º Venezuela
9º Emirados Árabes	

Fonte: IMD

Ambiente regulatório

Apesar de o Brasil ainda estar entre os países menos competitivos do mundo, conforme dados do Ranking de Competitividade Digital do International Institute for Management Development (IMD), divulgado, ontem, o principal fator proibitivo para alavancar investimentos no país é a insegurança jurídica, na avaliação de Hugo Tadeu, diretor do Núcleo de Inovação e Tecnologias Digitais da Fundação Dom Cabral (FDC), um dos autores do anuário.

De acordo com o professor Hugo Tadeu, a taxa básica de juros (Selic) em 15% ao ano, não é o vilão da história que afugenta investimentos tecnológicos no país. “O principal problema é o ambiente regulatório, de acordo com as empresas entrevistadas para o estudo. Hoje, a regra é de um jeito. Amanhã é outro. O risco para o capital é elevado”, comentou o acadêmico ao ser questionado pelo **Correio**.

Conforme os dados do Ranking Mundial de Competitividade Digital do IMD, o Brasil ficou na 53ª colocação da lista liderada pela Suíça. Conforme dados do estudo, a jornada brasileira rumo a um futuro digital verdadeiramente competitivo depende de dois alicerces inseparáveis: a criteriosa preparação de sua força de trabalho e a consolidação de um ecossistema que fomenta ativamente a inovação. E, para que essa trajetória avance de forma sólida, torna-se imprescindível uma revisão profunda das políticas educacionais e profissionais, que devem passar a enfatizar o treinamento técnico especializado, ao mesmo tempo em que se expande o investimento estratégico em pesquisa e desenvolvimento. Hugo Tadeu reforçou, ainda, que uma revisão do currículo é imprescindível para que o país melhore de posição. “Esse movimento de modernização, contudo, só ficará completo com a indispensável adaptação do sistema regulatório, que precisa responder aos ritmos ágeis da era digital”, reforçou Hugo Tadeu. (RH)

POLÍTICA MONETÁRIA

Mercado reduz projeção de IPCA

» RAFAELA GONÇALVES

Economistas do mercado financeiro voltaram a revisar para baixo suas projeções de inflação. Segundo os dados do Boletim Focus, divulgado, ontem, pelo Banco Central (BC), a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2025 recuou de 4,56% para 4,55%. A nova projeção indica que a inflação pode encerrar o ano próximo ao teto da meta definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é de 4,5%, considerando a margem de tolerância. Para os anos seguintes, as expectativas também foram ligeiramente ajustadas. Em 2026, a estimativa

ficou em 4,20%; em 2027, passou de 3,82% para 3,80%; e em 2028, de 3,54% para 3,50%.

Especialistas veem no Focus uma mensagem ao mercado de crédito: a inflação está sob controle, mas os juros mantêm um cenário de seletividade. Para Volnei Eyng, CEO da Multiplike, o Focus confirma que a economia brasileira entrou numa fase de normalização monetária, mas com o crédito ainda restrito. “A inflação continua cedendo e deve encerrar o ano dentro do teto da meta. Esse movimento reflete um ambiente mais estável, influenciado por fatores externos positivos, como o avanço das negociações

entre China e Estados Unidos, e também pela condução técnica da política monetária no Brasil”, comentou.

Selic

A perspectiva é de um mercado mais confiante e previsível, com espaço para cortes graduais da Selic iniciando em 2026. “O único ponto de atenção para a inflação segue sendo o impacto da seca sobre os preços administrados, mas, no geral, o cenário é de desaceleração controlada da inflação e melhora gradual das expectativas econômicas”, disse.

Segundo Eyng, a questão fiscal será um ponto de atenção nos

próximos meses, “pois pode trazer uma percepção ao mercado sobre controle dos gastos públicos e como isso impacta tanto na inflação quanto na confiança de investidores”

“A inflação projetada em 4,55% e a Selic mantida em 15% mostram que o Brasil conseguiu conter as pressões de preços, mas o custo do dinheiro segue travando a capacidade de expansão das empresas”, comentou André Matos, CEO da MA7 Negócios.

“Esse ambiente prolongado de juros altos tem uma consequência silenciosa, o aumento do passivo financeiro e o crescimento dos casos de crédito estressado, especialmente em setores

dependentes de capital de giro e consumo interno”, emendou.

Em relação ao câmbio, as estimativas foram mantidas em todo o horizonte da pesquisa. A estimativa para o dólar ao fim de 2025 ficou em R\$ 5,41. Para 2026, a previsão é de R\$ 5,50, valor que se repete nas projeções para 2027 e 2028.

A projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2025 permaneceu em 2,16%. Para 2026, o mercado espera crescimento de 1,78%. A estimativa para 2027 subiu de 1,83% para 1,90%, enquanto a de 2028 segue em 2%.

A previsão para a taxa básica de juros (Selic) neste ano foi mantida em 15%. Para 2026, a projeção ficou em 12,25%.

» Regras mais rígidas para as contas-bolsão

O Banco Central (BC) publicou, ontem, uma resolução que impõe novas exigências às instituições financeiras e fintechs para coibir o uso das chamadas contas-bolsão, mecanismo identificado como uma das principais brechas exploradas por organizações criminosas para lavar dinheiro. As regras passam a valer em 1º de dezembro. As contas-bolsão são contas bancárias únicas abertas por empresas intermediárias, como fintechs, para concentrar valores de diversos clientes em um mesmo registro. Na prática, essa estrutura dificulta a identificação da origem dos recursos e o rastreamento de movimentações suspeitas.